

# A “GERAÇÃO CONECTADA” E TECNOLOGIAS NA ESCOLA: REFLEXÕES A PARTIR DA PRÁTICA DOCENTE

## THE “CONNECTED GENERATION” AND TECHNOLOGIES IN SCHOOL: REFLECTIONS FROM TEACHING PRACTICE

Pamela Cristina dos Santos <sup>1</sup>

**Resumo:** Esta produção resulta de uma experiência pedagógica realizada no ano de 2017 com crianças do Programa Mais educação de uma escola estadual do estado de Santa Catarina, na Grande Florianópolis. Para tanto, nos apropriamos das discussões acerca Episódios de Aprendizagem Situada (EAS) para discutir o conceito de bullying dentro da escola. No que tange as questões práticas fizemos uso de tecnologias digitais para compor uma mostra fotográfica protagonizada por estudantes da referida escola. Realizado a proposta pedagógica apontamos que nossos resultados são pouco quantificáveis, mas destacamos as possibilidades de discussão dos conceitos de violências expressos dentro do ambiente escolar; Conteúdos visuais e tecnológicos como estratégia potente para qualificar a prática pedagógica.

**Palavras-chave:** Episódios de Aprendizagem Situada; Bullying; Práticas pedagógicas; Mostra fotográfica.

**Abstract:** This production results from a pedagogical experience realized in the year 2017 with children of the More education program of a state school in the state of Santa Catarina, in Greater Florianópolis. To do so, we have appropriated the discussions about Situated Learning Episodes (EAS) to discuss the concept of bullying within the school. Regarding the practical issues we made use of digital technologies to compose a photographic exhibition carried out by students of the mentioned school. Once the pedagogical proposal has been achieved we point out that our results are not quantifiable, but we highlight the possibilities of discussing the concepts of violence expressed within the school environment; Visual and technological contents as a powerful strategy to qualify the pedagogical practice.

**Keywords:** Localized Learning Episodes. Bullying. Pedagogical practices. Photographic exhibition.

## Apresentação

*Todo sujeito é livre para conjugar o verbo que quiser  
Todo verbo é livre para ser direto e indireto  
Nenhum predicado será prejudicado  
Nem a frase, nem a crase e ponto final!  
Afinal, a má gramática da vida nos põe entre pausas, entre  
vírgulas  
E estar entre vírgulas pode ser aposto*

*E eu aposto o oposto: Que vou cativar a todos  
Sendo apenas um sujeito simples  
Um sujeito e sua oração, sua prece  
Que a regência da paz sirva a todos nós  
Cegos ou não  
Que enxerguemos o fato  
De termos acessórios para nossa oração  
Separados ou adjuntos, nominais ou não  
Façamos parte do contexto (Fernando Anitelli).*

Iniciamos este artigo com as palavras brincantes do compositor Fernando Anitelli com intenção de refletir acerca dos modos como os conhecimentos nos interpelam. Vejamos que o compositor brinca com os sentidos literais da gramática para dizer de outros modos as aprendizagens da vida cotidiana. Pois bem, a partir desta composição trago uma experiência vivida há pouco tempo durante a espera de transporte numa das grandes metrópoles brasileiras, sabendo que teria que esperar mais do que o previsto me sentei próximo a uma dessas lojas de *fast food* na correria necessária e/ou insanas por uma tomada que carregasse meus aparelhos eletrônicos para a próxima etapa do meu trajeto.

Nossos olhos quando abertos para a pesquisa permanecem em constantes buscas nos mais diversos espaços buscando análises em movimentos involuntários, assim, já “conectada” perpasso meus olhos para as crianças que estavam próximas, encontrei algumas delas em um espaço destinados para atendê-las, os chamados “espaço *kids*”. Estranhamente sou impactada pelas informações que meus olhos captam, vejamos que o dito “espaço *kids*” contava com uma mesa de uns 3 metros que servia de suporte para tablets e fones de ouvido, em volta desta mesa sentavam-se crianças enquanto seus/as responsáveis realizavam suas refeições. A mesma rede de *fast food* que frequentava na década de 1990 e início dos anos 2000, famosa por seus corredores em forma de labirinto que desembocavam em piscinas de bolinhas coloridas, investe hoje em outras demandas para atingir outras gerações de crianças.

O estranhamento causado pelas crianças sentadas em frente a tablets é geracional<sup>2</sup>, diz de crianças que estão imersas em estímulos outros que até pouco menos de duas décadas não era necessário. Com isto, estamos salientando que adentramos em um período histórico e político cada vez mais regido pelas tecnologias digitais, tal fato perpassa as mais diversas esferas sociais tão logo não é de se surpreender que as tecnologias estejam presentes dentro das escolas e das/nas vidas das crianças. Não raro, ouvimos dizer de uma “geração conectada” e/ou de uma “geração digital” quando mencionamos as crianças que desfrutaram suas infâncias nas tecnologias digitais. Embora possa fazer sentido que as crianças nascidas nesse século tenham maior facilidade de gozar dos benefícios das tecnologias isto é apenas uma ilusão e/ou pelas palavras de Fantin (2018) um mito sobre “nativos e imigrantes digitais”.

Por certo, existem estímulos tecnológicos muito mais intensos que perpassam as crianças,

1 Sinalizamos que temos discordância do uso mercadológico deste conceito, pois restringe o princípio da autonomia das crianças de ir e vir na sociedade, além de remeter a uma falsa ideia de que existe um espaço específico na sociedade destinado as crianças quando estas são parte integrante e constituinte da sociedade. Assim, o uso deste conceito no texto é apenas a título de localização espacial.

2 Consideramos que é um recorte também classista, contudo não adentraremos nessa reflexão neste texto.

mas considerando-as enquanto sujeitos sociais, atribuir-lhes características natas a partir das tecnologias digitais se configura como um equívoco teórico, biológico e social. Precisamos pontuar que existem abismos entre a produção de tecnologias e o acesso a elas, o relatório *Situação Mundial da Infância 2017: as crianças em um mundo<sup>3</sup> digital* produzido pela Unicef, aponta duas situações que marcamos aqui, são elas: I. Acesso as tecnologias/internet por crianças; II. O uso das tecnologias como potência na escolarização.

Acerca do primeiro ponto que destacamos do referido relatório, temos que 29% das pessoas com idades entre 15 e 29 anos não possuem acesso a internet em nenhum espaço da sociedade. Ainda, o não acesso as tecnologias digitais tendem a construir atravessamentos no que tange ao alcance da equidade na qualidade de ensino e aprendizagem das crianças. Contudo, o relatório aponta que “la innovación en los sectores del desarrollo y el ámbito humanitario requiere también mostrarse abierto tanto ante el fracaso como ante el éxito. Se trata de utilizar la tecnología para obtener información de nuevas maneras y a nuevas velocidades” (UNICEF, 2016, p. 55). Em outras palavras, o acesso as tecnologias podem ser entendido como possibilidade de alcançar qualidades educacionais e de aprendizagens outras e que nos possibilitem acompanhar e/ou desbravar modos de apreender conhecimentos para além do que já temos como fundamentado até o presente momento.

Pois bem, o fato é que as tecnologias digitais são realidades na contemporaneidade, desta forma temos dificuldades em afirmar se é ou não uma escolha o uso de tais tecnologias como instrumentos da prática pedagógica. Consideramos os tempos acelerados com que os avanços tecnológicos têm se instalado nos nossos cotidianos e que existe uma necessidade constante de nos atualizarmos enquanto docentes. Ao mesmo tempo defendemos possibilidades dos avanços educacionais e de aprendizagem através do uso de tecnologias, por esse motivo nos aproximamos do que Rivoltella (2013) denomina como Episódios de Aprendizagem Situada (EAS).

Os EAS se constituem como processos de aprendizagem informais envolvendo conteúdos culturais que perpassam o uso das mídias através de recombinações de seus formatos” (RIVOTELLA, 2013). Nessa perspectiva, vale salientar que o uso do conceito de aprendizagem são deslocados do seu sentido tradicional, este passa a ser aplicado em situações contextualizadas, tão logo, ações, palavras, objetos e/ou quaisquer outros artefatos que envolvam o processo de aprendizagem podem ser utilizados localizados, ou seja, fora da funcionalidade que comumente é destinado. Assim, a aprendizagem se constitui como um processo sociocultural e cognitivo obtido através da interação entre sujeitos.

Metodologicamente o EAS, segundo Miranda e Fantin (2018)<sup>4</sup> se constroem por três passos principais:

- I. Fase preparatória: processo exploratório de aproximação com o objetivo a ser alcançado;
- II. Fase operatória: processo de materialização dos processos de aprendizagem através de instrumentos facilitadores;
- III. Fase reestruturadora: destinado a reflexões e confrontos entre os conceitos levantados no momento preparatório e os que surgiram após o processo operatório.

Ao trazemos as atividades organizadas por fases as desatrelamos da ideia de evolutiva e fragmentada, em outras palavras, consideramos que a construção dos processos de aprendizagens não é linear e interdependente. Com isto, defendemos que os processos de aprendizagens envolvem fatores múltiplos que conversam entre si, mas que dentro das instituições de ensino precisamos de organizações mínimas para que esses processos ocorram. Assim, a apresentação estrutural desta proposta por “fases” se apresenta num caráter mais organizacional do que no sentido literal do conceito.

Tendo os EAS como pano de fundo pontuamos que estamos compreendendo que “o sujeito da educação não é o indivíduo (chefe ou indivíduo autocrático) mas o conjunto de

3 O referido relatório apresenta alguns limites que ao serem transpostos para a realidade das crianças brasileiras podem ser conflituosos, tais como a não marcação dos dados pela categoria Raça/cor. Deste modo, compreendemos tais limites e sinalizamos que compreendemos as desigualdades sociais e raciais que atravessam as realidades brasileiras através das produções de Passos (2014), Schumann (2012) e Osório (2008).

4 As autoras nomeiam as etapas metodológicas dos EAS, assim apenas nos inspiramos nas referidas autoras.

peças que participam do processo (FLEURI, 2001, p. 58)” e que portanto, “não é um sujeito individual, mas um sujeito coletivo (FLEURI, 2001, p. 58)”. Ainda, acrescentamos que o sujeito do conhecimento não só é coletivo, mas só o é contextualizado, assim, toda e qualquer experiência de aprendizagem se fundamenta na construção coletiva do conhecimento devidamente localizada. Dito isto, apresentamos uma narrativa da uma intervenção pedagógica baseada nos Episódios de Aprendizagem Situados cujo objetivo foi explorar recursos digitais para criação de uma mostra fotográfica para conscientização do “fenômeno *bullying*” dentro da escola a partir da autoria de crianças e adolescentes.

### Fase de Preparação: Apontamentos Iniciais

As fases desse processo de aprendizagem tiveram como protagonistas estudantes de 7 a 15 anos de idade, em uma escola estadual da Grande Florianópolis. Os/as referidos estudantes eram pertencentes ao programa Mais educação, tão logo permaneciam na escola em período integral, deste modo todas as atividades realizadas ocorreram em contraturno às aulas regulares.

Pois bem, vale destacar que esta proposta se insere em um projeto maior criado com os/as próprios estudantes devido a uma demanda pontual de compreender a difusão do “fenômeno *bullying*” dentro do espaço escolar. Assim, este projeto intitulado de *hashtag fora bullying* contou com ações de pesquisa que envolveram os/as estudantes pertencentes ao Programa Mais Educação, das atividades realizadas destacamos: Realização de entrevistas com colegas de escola acerca do “fenômeno *bullying*”; Intervenções por meio de cartazes e folders para conscientização do respeito e da importância da denúncia em casos de violência; Exercícios de análise e contagem de dados estatísticos e Oficinas de fotografias.

Para melhor contextualização necessitamos pontuar que o projeto fora *bullying* entrevistou 215 estudantes através de um questionário impresso, este por sua vez contava com três principais eixos: I. Identificação; II. Perguntas sobre *bullying* e violência na escola e III. Conte-nos a sua história. Destacamos que os questionários foram temas propulsores das oficinas propostas as crianças e foi através das análises realizadas nas oficinas que surgiu a necessidade de propor uma intervenção fotográfica dentro da escola uma vez que os dados que encontramos apontavam que mais de 70% dos/as respondentes afirmavam terem sofrido *Bullying* dentro da escola.

Tendo os dados estatísticos levantados como base e somando aos relatos contados no item 3 do formulário levantamos coletivamente as discussões acerca do que seria este “fenômeno *bullying*” que pairava pelo vocabulário dos/as estudantes. Após algumas reflexões junto do grupo compreendemos que existiam violências que apareciam com maior frequência nos questionários, tais como: violência psicológica, violência física e o preconceito racial. Frente aos dados encontrados mapeamos os corpos que mais sofriam com o “fenômeno *bullying*” chegando a um dado proporcional de que as meninas autodeclaradas negras eram as mais afetadas chegando ao percentual proporcional de 87,7%.

Conceitualmente o *bullying* é entendido como “seqüências de comportamentos agressivos de um sujeito sobre o outro com intuito de legitimar uma possível superioridade através das mais diversas formas de violências” (ZEQUINÃO, MEDEIROS, PEREIRA e CARDOSO, 2016). Compreendemos que existem pesquisadores/as qualificados/as discutindo esta temática que se faz viva dentro das escolas brasileiras, contudo, apresentamos discordância acerca do conceito “*bullying*” e os modos como este vem se inserindo dentro das instituições escolares nos últimos anos. Pois o compreendemos como uma estratégia ideológica hegemônica de invisibilização das motivações que desencadeiam nas mais diversas formas de violências.

Assim, destacamos que durante o andamento do projeto foram problematizadas o próprio conceito de *Bullying* enraizado nos cotidianos escolares. Num primeiro momento as manifestações verbais das crianças apontavam para o não reconhecimento deste fenômeno como violências. Contudo, mesmo não sendo unânime, algumas das crianças ao longo do desenvolvimento do projeto foram aos poucos e aos seus tempos compreendendo que as violências estavam diretamente imbricadas nesse fenômeno. Ainda assim, mantivemos o nome original do projeto em respeito a decisão coletiva e posteriormente como estratégia visual para chamar atenção dos/as demais estudantes da referida escola.

A ideia da realização de uma exposição fotográfica foi coletiva, ocorreu durante as análises

dos questionários, em que foram apontadas as dificuldades dos/as respondentes no preenchimento do questionário. Assim, quando pensamos em uma campanha de conscientização compreendemos que a fotografia seria capaz de incluir aqueles/as que ainda não estavam alfabetizados/as. Assim, pontuamos que da decisão da campanha até a seu resultado final decorreram dois meses.

Para tanto realizamos duas oficinas com a fotografa Maiara Vera dos Santos, durante o desenvolvimento a fotografa trouxe algumas imagens do seu portfólio, realizou exercícios de manuseio de uma câmera fotográfica profissional além de propor reflexões acerca da importância da valorização da fotografia como arte. Contudo, o foco central da oficina foram as técnicas de enquadramento, resolução e tratamento das fotos utilizando equipamentos de fácil acesso aas crianças, mais especificamente, *smartphones* de uso comercial. A proposta era de que as crianças possuíssem produção de autoria nas fotografias como também estabelecer relações outras com as tecnologias atuais.

**Figura 1:** Oficina de fotografia: técnicas de uso de equipamentos profissionais.



Fonte: Produzido pela autora, 2017.

Para melhor visualização montamos uma tabela organizacional das atividades desenvolvidas neste processo de aprendizagem, assim temos:

**Tabela 1:** Sistematização das atividades realizadas na fase preparatória.

ATIVIDADES REALIZADAS	
FASE PREPARATÓRIA	Elaboração do projeto
	Pesquisa de campo realizada em contrarturno das atividades escolares regulares
	Sistematização e análise dos dados coletados pela entrevista
	Levantamento de possibilidades de ações de conscientização dentro da escola através da divulgação de projetos de outras instituições nas seguintes plataformas de pesquisa: <i>Youtube</i> e <i>Facebook</i> .
	Estudos e pesquisas sobre bullying e violências
	Momentos dedicados a oficinas e outros estudos sobre de fotografias

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Destacamos que incluímos a realização da oficina na fase de preparação por compreendermos que esta embora tenha um caráter prático envolveu aspectos de fundamentação conceitual e

teórica que subsidiaram o resultado obtido na fase de operacionalização da mostra fotográfica.

### **Da Operação a Reestruturação: Exposição Fotográfica e o Coletivo como Proposta Pedagógica**

A operacionalização das atividades envolveu diversos ambientes da escola, o que por sua vez necessitou de estruturas organizacionais que não interferissem no acesso aos demais estudantes as suas atividades escolares rotineiras. A mostra fotográfica foi realizada em uma sala de aula desativada que não comportava mais de 15 pessoas, tão logo necessitamos nos organizar em dois grupos de trabalho. O grupo 1 ficou pela montagem da mostra em que envolviam a construção do estúdio fotográfico e levantamento de materiais tecnológicos. Já o grupo 2 ficou responsável em por em prática os recursos coletados pelo grupo 1, ou seja, realização das fotografias. Destacamos que em alguns momentos todos/as aquelas que desejaram fotografar e/ou serem fotografados o fizeram em algum momento, pois pertencer a um determinado grupo de trabalho não era um processo rígido, as crianças transitavam entre um grupo e outro.

Da organização estrutural até a realização das fotografias decorreram aproximadamente vinte dias de trabalho, ocupando de duas a três horas. Sobre o processo de operacionalização destacamos:

**Tabela 2:** Sistematização das atividades realizadas na fase de operacionalização.

ATIVIDADES REALIZADAS	
FASE DE OPERAÇÃO	Organização dos grupos de trabalho e suas respectivas funções
	Montagem do estúdio fotográfico/ organização do espaço físico
	Levantamento de materiais tecnológicos
	Escolha do figurino e dos acessórios utilizados na sessão fotográfica
	Organização das escalas de fotógrafos/as
	Distribuição das fotografias para Tratamento das fotos nos programas de edição fotográfica
	Aprovação em assembleia das fotos já tratadas

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Sinalizamos que encontramos alguns percalços durante o levantamento de materiais para realização das fotografias, pois os *smartphones* que grande parte das crianças tinha acesso não poderiam ser utilizados dentro do ambiente escolar. Isto devido na lei estadual número 14.363 de 25 de janeiro de 2018 diz o seguinte: “Fica proibido o uso de telefone celular nas salas de aula das escolas públicas e privadas no Estado de Santa Catarina.” (SANTA CATARINA, 2008). Visto que a lei não nos abre possibilidades de discussão para refletir acerca das possibilidades pedagógicas, optamos coletivamente em não utilizar o *smartphones* como recurso para realização das fotografias.

Frente ao exposto, nossos movimentos foram de coletar outros mecanismos que fossem de fácil acesso e que cumprissem o papel de fotografar. Assim, coletamos máquinas fotográficas digitais, como já era de se esperar as crianças mais novas, nascidas entre 2009 e 2010, estranharam o uso das máquinas fotográficas. Atribuímos este fato a recente Ascensão dos *smartphones* que com recursos tão avançados quanto as máquinas, acabaram por substituí-las em poucos anos. Passado este contratempo, expomos alguns dos resultados materiais obtidos através da mostra fotográfica.

Figura 2: Mostra fotográfica: Resultado da fase de operacionalização.



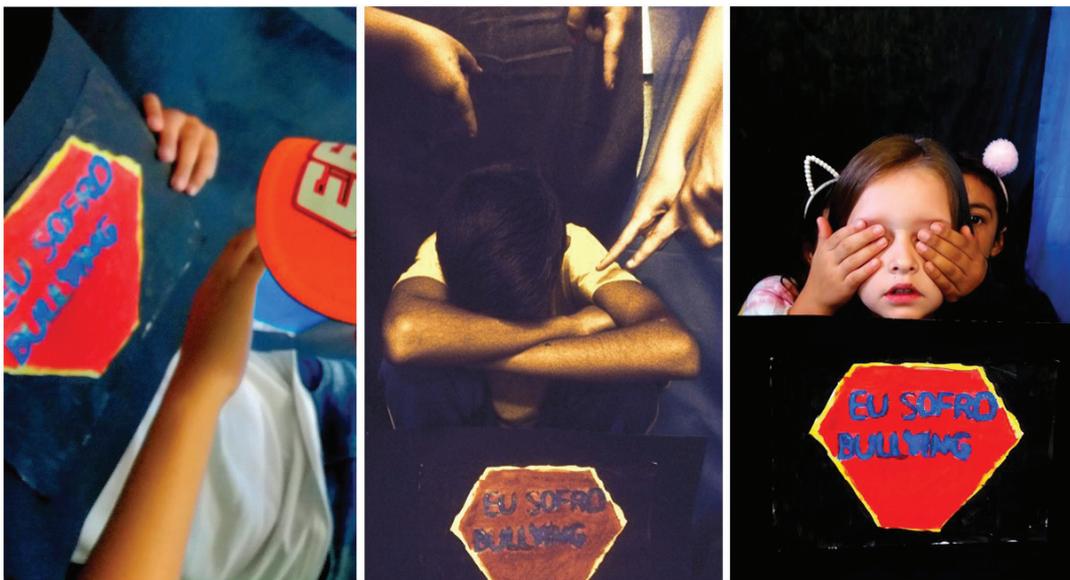
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2018.

Figura 3: Mostra fotográfica: Resultado da fase de operacionalização.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2018.

Figura 4: Mostra fotográfica: Resultado da fase de operacionalização



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2018.

Sinalizamos que tivemos a produção de mais de 200 fotografias que foram filtradas para a mostra e que para esta produção a escolha se deu por aquelas em que os rostos das crianças pouco aparecem, tal ação se dá por uma tentativa de tentar preservar a identidade das crianças como prevê Kramer (2002). Salientamos nossas preocupações com a autoria das crianças frente aos protagonismos da produção fotográfica, assim, entendemos que tais questões éticas têm sido ensaiadas no campo de produção científica das pesquisas com crianças. Nesse sentido, existem demandas de pesquisas com crianças que pouco acompanham os recursos éticos e metodológicos contemporâneos e que tendem a ir de encontro com o que temos publicado até o momento. Os cuidados éticos para com as crianças em todos os contextos são indispensáveis para as tessituras que compõem as produções científicas.

Seguindo, realizada a exposição das fotos discutimos os conceitos anteriormente abordados, citamos: Bullying, violência, fotografia, arte, conscientização, trabalho em grupo, tecnologias. Esta ação foi realizada a partir de categorias levantadas pelas crianças em reuniões posteriores ao final da atividade de operacionalização, nos mobilizamos em apontar reflexões e/ou críticas que nos mobilizassem a compreender os efeitos das ações realizadas pelo grupo, deste modo os aspectos subjetivos dos sujeitos envolvidos estavam diretamente ligados a avaliação e reflexões dos conceitos utilizados.

### Algumas Considerações

Considerando que a realização das atividades aqui expostas envolve um conjunto maior de ações, pontuamos algumas observações localizadas. Para tanto, vale destacar o quão nossos passos ainda são lentos frente ao avanço das tecnologias e o acesso a estas nas instituições escolares. Sinalizamos ainda que o fator geracional se atravessa nos entendimentos das tecnologias uma vez que as crianças nascidas na última década acompanham movimentos acelerados de substituição de aparelhos tecnológicos, fato que permite que tecnologias produzidas no início dos anos 2000 sejam, muitas vezes, novidade para as crianças nascidas na segunda década do século XXI. Ainda, destacamos que o uso das tecnologias como ferramentas pedagógicas é uma via de mão dupla que pode tanto facilitar quanto atrapalhar a depender dos objetivos dos/as mediadores/as, mas que sem dúvida são potencializadoras do trabalho pedagógico.

No que tange as estruturas das atividades realizadas, apontamos que o uso da Episódios de Aprendizagem Situados como metodologia nos proporcionou reelaborar e/ou problematizar os conceitos de *bullying* e de violências que se atravessam nos cotidianos escolares. Ainda que

não tenha sido consenso entre as crianças participantes das atividades, houveram algumas reelaborações conceituais acerca do conceito de *bullying*. Pensando o uso das fotografias como estratégia pedagógica sinalizamos que é possível pensa-la na contramão da funcionalidade que aplicada pelas redes sociais, a tal ponto que consideramos que a fotografia cumpre seu papel frente a produção artística e que bater uma foto implica em processos subjetivos intensos que diz dos modos como os sujeitos capturam o mundo. Portanto, pensa-las como estratégia pedagógica tende a ser um caminho de acesso às crianças e adolescentes e suas percepções diante do mundo.

Por fim, apostamos que a proposição de intervenções pedagógicas com uso de tecnologias digitais nas instituições escolares representa possibilidades de acesso a processos de aprendizagem mais potentes e qualificados, para tanto o movimento continuado de formação de professores/as necessita caminhar lado a lado com as produções de tecnologias sejam elas direcionadas a educação ou não.

## Referências

FANTIN, Monica. **Crianças, Dispositivos Móveis e Aprendizagens Formais E Informais**. ETD-Educação Temática Digital Campinas, SP v.20 n.1 p. 66-80 jan./abr. 2018.

FLEURI, Reinaldo Matias. **Educar pra quê? Contra o autoritarismo da relação pedagógica na escola**. 9. Ed. – São Paulo: Cortez, 2001.

KRAMER ,Sonia. **Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças**. Cadernos de Pesquisa, n. 116, pju.l h4o1/-5290,0 julho/ 2002.

MIRANDA, Lyana Thédiga de e FANTIN, Monica. **A perspectiva social das competências midiáticas: reflexões sobre participação e interação das crianças na escola**. Juiz de Fora, PPGCOM – UFJF, v. 12, n. 1, p. 55-67, jan./abr. 2018.

OSORIO. R. G. **Desigualdade racial e mobilidade social no Brasil: um balanço das teorias**. In: THEODORO, M. (Org.). As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil: 120 anos após a abolição. Brasília; IPEA, 2008. (p. 65-96).

PASSOS, Joana Célia dos. **As relações étnico-raciais nas licenciaturas: o que dizem os currículos anunciados**. Poiésis, Tubarão. V.8, n.13, p. 172 - 188, Jan/Jun, 2014.

RIVOLTELLA, Pier Cesare. **Fare Didatticacongli EAS. Episodidi Aprendizamento Situati**. Brescia: La Scuola, 2013.

SANTA CATARINA. **Lei nº 14.363**: Dispõe Sobre A Proibição Do Uso De Telefone Celular Nas Escolas Estaduais Do Estado De Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o “encardido” o “branco” e o “branquíssimo”**: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. Tese (Doutorado - Programa de Pós Graduação em Psicologia. Área de Construção: Psicologia Social). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

UNICEF. **Estado mundial da Infância 2016**: Uma oportunidade a cada niño. Fondo de las Naciones Unidas para la Infancia (UNICEF), 2016.

ZEQUINAO, Marcela Almeida; MEDEIROS, Pâmella de; PEREIRA, Beatriz and CARDOSO, Fernando Luiz. **School bullying: A multifaceted phenomenon**. Educ. Pesqui. [online]. 2016, vol.42, n.1, pp.181-198. ISSN 1517-9702.